



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE- UFCG  
UNIDADE ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES- UAE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES- CFP  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**ANA KAROLAINY FIGUEIREDO DO NASCIMENTO**

**A EDUCAÇÃO SEXUAL NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE  
PEDAGOGIA DO CFP/UFCG**

**CAJAZEIRAS-PB  
2023**

**ANA KAROLAINY FIGUEIREDO DO NASCIMENTO**

**A EDUCAÇÃO SEXUAL NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE  
PEDAGOGIA DO CFP/UFMG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção do grau de graduada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes.

**CAJAZEIRAS-PB  
2023**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

N244e	<p>Nascimento, Ana Karolainy Figueiredo do. A educação sexual na formação dos estudantes do Curso de Pedagogia do CFP/UFCG / Ana Karolainy Figueiredo do Nascimento. – Cajazeiras, 2023. 56f. Bibliografia.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2023.</p> <p>1. Educação sexual. 2. Sexualidade. 3. Curso de Pedagogia- Centro de Formação de Professores. 4. Formação de Pedagogo- Educação sexual. I. Fernandes, Dorgival Gonçalves. II. Título.</p> <p>UFCG/CFP/BS <span style="float: right;">CDU – 37: 613.88</span></p>
-------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

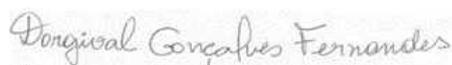
ANA KAROLAINY FIGUEIREDO DO NASCIMENTO

A EDUCAÇÃO SEXUAL NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE  
PEDAGOGIA DO CFP/UFMG

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção do grau de graduada em Pedagogia. Orientador: Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes.

Aprovada em: 20 / 11 / 2023

Banca Examinadora:



---

**Prof. Dr. Dorgival Fernandes Gonçalves**  
(UAE-UFMG - Orientador)



---

**Prof. Dr. José Rômulo Nogueira**  
(Examinador 1)

Documento assinado digitalmente



**ALEXANDRE MARTINS JOCA**  
Data: 22/09/2023 15:44:26-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Alexandre Martins Joca**  
(Examinador 2)

Documento assinado digitalmente



**ANE CRISTINE HERMINIO CUNHA**  
Data: 26/09/2023 09:27:19-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Profa. Dra. Ane Cristine Herminio Cunha**  
(Suplente)

Dedico este trabalho a todas as pessoas LGBTQIAP+, que viveram suas infâncias com a certeza de que eram erradas, culpadas e pecadoras simplesmente pela sua existência.

## AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pela minha existência, por ser meu guia. Agradeço aos meus pais, Dona Cilene, a mulher mais inspiradora e forte que já conheci, que sempre fez questão de me apoiar e incentivar em tudo, desde as coisas mais simples às mais insanas. Ao meu paizinho Marcelo, o meu Dedé, que entrou nas nossas vidas e se dedicou de corpo e alma a minha criação, ele o homem mais gentil e íntegro que conheço. Agradeço a minha irmã, Suênia Kadidja, que na busca pela sua independência me levou junto e é a pessoa que me deu todo o suporte necessário para estar aqui. Gratidão aos meus tios Hilda e Geraldo que me apoiam e incentivam sempre na busca pelo melhor para a minha vida, sendo minha segunda mãe e segundo pai. Gratidão a todos da minha família, pelo cuidado e apoio constante.

Agradeço a minha companheira Vitória Almeida, a quem eu dedico a vida, que está comigo em todos os meus dias, que demonstra seu amor por mim em todos os momentos, dos mais felizes aos mais tristes e difíceis. Só nós duas sabemos o quanto eu lutei contra mim mesma para a realização deste trabalho. Agradeço-lhe por ser meu porto seguro.

Agradeço a minha psicóloga Mariane Santos, a quem eu devo minha sanidade mental e determinação para a conclusão deste TCC. Mais que uma profissional, Mariane é uma amiga que segurou na minha mão durante esses dois anos juntas.

Gratidão ao meu orientador Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes, que para mim é genial e inspirador. Desde a sua primeira aula na minha turma, me deixou boquiaberta com tamanha sapiência e experiência quanto à vida.

Agradeço também aos meus e minhas colegas de turma e todos os professores e professoras que fizeram parte da minha formação. Fico feliz pela grande maioria ter marcado positivamente a minha vida e a minha formação.

A realização desse sonho não é unicamente minha, mas de todos vocês também.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a mim, por não desistir do Curso de Pedagogia, por me esforçar e me dedicar mesmo com todas as adversidades. Por ter sido tão forte e determinada, eu consegui, venci tudo que me afligia e tenho orgulho por ter me doado durante esses cinco anos com tanto afinco a esse curso. Eu sou uma vencedora!

Ninguém vive bem sua sexualidade numa sociedade tão restritiva, tão hipócrita e falseadora de valores; uma sociedade que viveu a experiência trágica da interdição do corpo com repercussões políticas e ideológicas indiscutíveis; uma sociedade que nasceu negando o corpo.

Paulo Freire

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem a intenção de problematizar o tema Educação Sexual na formação do pedagogo, partindo da seguinte questão de estudo: Como a Sexualidade e a Educação Sexual são abordados no Curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores-CFP, da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, tendo em vista que na estrutura curricular desse curso não há disciplinas específicas que tratem objetivamente desse tema. Quanto à metodologia, a abordagem de pesquisa escolhida foi a qualitativa, desenvolvida a partir de estudo de campo do tipo exploratória. Para esta pesquisa foi elaborado o seguinte objetivo geral: analisar, a partir da perspectiva dos graduandos, como aconteceu a abordagem referente à Sexualidade e à Educação Sexual durante a formação no curso de Pedagogia do CFP/UFCG. Os objetivos específicos são: 1) descrever as percepções dos graduandos de pedagogia do CFP/UFCG sobre a sua formação em Educação Sexual; 2) Identificar as aprendizagens dos graduandos sobre a educação sexual no seu processo de formação no Curso de Pedagogia do CFP/UFCG; 3) Evidenciar os efeitos do processo de formação na concepção das/os pedagogas/os acerca da Educação Sexual na formação dos graduandos do curso de Pedagogia do CFP/UFCG. Dos autores que constituem o referencial teórico, são destacados Maio (1996), Guimarães (1995), Santos (2016), Silva (2015), dentre outros. Os sujeitos da pesquisa foram quatro alunas do nono período do referido curso e os dados foram coletados através da entrevista semiestruturada, processados e analisados por meio da análise de conteúdo. A análise de dados sobre a educação sexual na formação dos estudantes do curso de Pedagogia do CFP/UFCG aponta a necessidade de haver uma revisão curricular e de que seja necessário desenvolver estratégias de capacitação, a fim de assegurar que os/as futuros(as) pedagogos(as) estejam preparados/as para lidar com essa questão relevante em seu papel como educadores.

**Palavras-chave:** Educação Sexual, Sexualidade, Curso de Pedagogia, Formação de professores.

## **ABSTRACT**

This course conclusion work intends to problematize the topic of Sexual Education in the training of pedagogues, based on the following study question: How are Sexuality and Sexual Education addressed in the Pedagogy Course at the Teacher Training Center-CFP, from Federal University of Campina Grande-UFCG, considering that in the curricular structure of this course there are no specific subjects that objectively deal with this topic. As for the methodology, the chosen research approach was qualitative, developed from an exploratory field study. For this research, the following general objective was developed: to analyze, from the perspective of undergraduates, how the approach to Sexuality and Sexual Education occurred during training in the Pedagogy course at CFP/UFCG. The specific objectives are: 1) to describe the perceptions of CFP/UFCG pedagogy graduates about their training in Sexual Education; 2) Identify the students' learning about sexual education in their training process in the CFP/UFCG Pedagogy Course; 3) Highlight the effects of the training process on the pedagogues' conception of Sexual Education in the training of graduates of the CFP/UFCG Pedagogy course. Of the authors who constitute the theoretical framework, Maio (1996), Guimarães (1995), Santos (2016), Silva (2015), among others, are highlighted. The research subjects were four students in the ninth period of the aforementioned course and the data were collected through semi-structured interviews, processed and analyzed using content analysis. The analysis of data on sexual education in the training of students in the CFP/UFCG Pedagogy course highlights the need for a curricular review and the need to develop training strategies in order to ensure that future pedagogues are prepared to deal with this relevant issue in their role as educators.

**Keywords: Sexual Education, Sexuality, Pedagogy Course, Teacher training.**

## **LISTA DE SIGLAS**

CFP – Centro de Formação de Professores

OMS – Organização Mundial da Saúde

PCNs -Parametros Curriculares Nacionais

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE -Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

PPC – Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	18
<b>2.1 SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL: conceituações e características</b> .....	18
<b>2.2 A EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL: aspectos históricos e legais</b> .....	23
<b>2.3 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO</b> .....	28
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	35
<b>4 FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE NO CURSO DE PEDAGOGIA</b> .....	37
<b>4.1 EXPERIÊNCIAS ESCOLARES E INTERESSE PELO ESTUDO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE</b> .....	37
<b>4.2 A FORMAÇÃO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE DURANTE CURSO DE PEDAGOGIA</b> .....	39
<b>4.3 PERSPECTIVAS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE NO TRABALHO DOCENTE FUTURO</b> .....	42
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	45
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	47
<b>APÊNDICES</b> .....	51
<b>APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA</b> .....	52
<b>APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	53

## 1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho de conclusão de curso, cujo tema é a Educação sexual na formação do pedagogo, buscou-se problematizar as percepções discentes sobre a educação sexual no curso de Pedagogia, do Centro de Formação de Professores- CFP, da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, tendo como questão de pesquisa, a seguinte: Como a Sexualidade e a Educação Sexual são abordadas no curso de pedagogia do CFP/UFCG?

Para desenvolver essa pesquisa, elaboramos o seguinte objetivo geral: analisar a partir da perspectiva dos graduandos como aconteceu a abordagem referente à Sexualidade e à Educação Sexual durante a formação no curso de Pedagogia do CFP/UFCG. Os objetivos específicos são: 1) Descrever as percepções dos graduandos de pedagogia do CFP/UFCG sobre a sua formação em Educação Sexual; 2) Identificar as aprendizagens dos graduandos sobre a educação sexual no seu processo de formação no Curso de Pedagogia do CFP/UFCG; 3) Evidenciar os efeitos do processo de formação na concepção das/os pedagogas/os acerca da Educação Sexual na formação dos graduandos do curso de Pedagogia do CFP/UFCG.

A Educação Sexual no Brasil vem sendo abordada há certo tempo, cujo registros iniciais datam da década de 1920. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs Brasil (1998), a evolução social vivenciada a partir dos anos de 1960, com o surgimento do Movimento Feminista<sup>1</sup> e outros movimentos sociais nos quais grupos pregavam a liberação sexual e o controle de natalidade<sup>2</sup>, por exemplo, fez com que houvesse mudanças nos comportamentos dos jovens da época, o que levou a necessidade de retomar as discussões sobre Educação Sexual nas escolas. Desde então, “a discussão sobre a inclusão da temática da sexualidade

---

<sup>1</sup> Feminismo é um movimento social por direitos civis, protagonizado por mulheres, que desde sua origem reivindica a igualdade política, jurídica e social entre homens e mulheres. Sua atuação não é sexista, isto é, não busca impor algum tipo de superioridade feminina, mas a igualdade entre os sexos. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/o-que-e-feminismo.htm#:~:text=Feminismo%20%C3%A9%20um%20movimento%20social%20por%20direitos%20civis%2C%20protagonizado%20por,a%20igualdade%20entre%20os%20sexos>. Acesso em: 21 ago. 2023.

<sup>2</sup> O Brasil adotou o controle de natalidade a partir de 1974. O governo passou a distribuir com o dinheiro público camisinhas e anticoncepcionais para toda a população. Ocorrem muitas campanhas esporádicas do governo para incentivar uso de camisinha e planejamento familiar, especialmente nas escolas. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/control-de-natalidade#:~:text=O%20Brasil%20adotou%20o%20controle,planejamento%20familiar%2C%20especialmente%20nas%20escolas>. Acesso em: 21 ago. 2023.

no currículo das escolas de Ensino Fundamental e médio vem se intensificando”<sup>3</sup> Brasil (1998). Desse modo, optou-se por integrar a Orientação Sexual nos referidos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs, de maneira transversal, ou seja, contemplados pelas diversas áreas do conhecimento, considerando-se que a sexualidade tem um significado muito mais amplo e variado do que simplesmente o biológico e a reprodução humana.

Neste sentido a Educação Sexual passou a ganhar ênfase nos debates políticos desde então. Todavia, mais recentemente, durante o período eleitoral para a eleição à presidência do Brasil, de 2018, e durante o mandato do Presidente eleito Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), aconteceram diversos movimentos de cunho neoconservador e de extrema direita, a exemplo do Projeto de Lei “Escola sem Partido”<sup>4</sup>, objetivando retroceder os avanços conquistados no campo da educação sexual, deixando-a a cargo da família e não da escola, culminando com a retirada dos termos “Orientação Sexual” e “Identidade de Gênero” da Base Nacional Comum Curricular- BNCC Brasil (2018), que também veta disciplinas sobre “Gênero” e “Orientação Sexual”, representando um retrocesso descomunal para o desenvolvimento da Educação Sexual nas escolas, expressando uma situação de evidente censura ancorada na ideologia conservadora.

Em relação à formação inicial do Pedagogo, tais movimentos poderiam acabar prejudicando seu desempenho quanto à temática da Educação Sexual e os projetos a serem desenvolvidos neste campo para alunos, crianças e adolescentes, que buscam desconstruir tabus e preconceitos e transformar valores fundamentais referentes à cidadania e ao respeito a toda pessoa humana. Considerando-se tais afirmações, nesta pesquisa buscamos compreender como é abordada a Sexualidade e Educação Sexual no curso de Pedagogia, centrando-nos nas percepções dos discentes desses cursos referentes ao tema proposto.

---

<sup>3</sup> ) Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/orientacao.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2023.

<sup>4</sup> Movimento político criado em 2004 no Brasil pelo advogado Miguel Nagib. O movimento se define como —uma iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis: do ensino básico ao superior. Ganhou notoriedade em 2015 desde que projetos de lei inspirados no movimento começaram a ser apresentados e debatidos em inúmeras câmaras municipais e assembleias legislativas pelo país, bem como no Congresso Nacional. O Escola sem Partido consiste em fixar nas escolas um cartaz com uma lista por ele chamada de “deveres do professor” e tem como pretexto transmitir aos alunos uma —visão crítica da realidade.

Quando nos referimos às práticas da Educação Sexual, tem sido comum imaginarmos uma aula com assuntos relacionados à prevenção da gravidez na adolescência e às Infecções Sexualmente Transmissíveis-IST's, limitando a Educação Sexual a algo meramente biológico e fisiológico. Todavia, a educação sexual não deveria se limitar apenas ao conhecimento dos órgãos genitais, modos de concepção e contracepção ou infecções transmissivas pelas práticas sexuais, mas sim também referir-se a conversas com crianças e adolescentes sobre o seu corpo, autoproteção, emoções, respeito, identidade, entre outros. Todas essas questões fazem parte da Educação Sexual, e se ofertadas para as crianças desde pequenas, podem contribuir para que elas consigam estabelecer relações interpessoais saudáveis, permitindo uma melhor qualidade de vida, fazendo com que elas cresçam se sentindo mais protegidas, preparadas para lidar com sua sexualidade e viver bem consigo mesmas e com as demais pessoas.

Durante a minha infância, me sentia diferente e com muitas dúvidas em relação a mim mesma quanto à sexualidade, mas não entendia no que e nem o porquê. Eu era uma criança ativa, criativa e extrovertida, com uma facilidade significativa de fazer novas amizades, de pensar e propor brincadeiras diferentes e inovadoras. Sempre fui uma boa filha, uma boa irmã, boa sobrinha, neta e aluna, compreensiva e dedicada, que aceitava tranquilamente a vida que tinha, ou seja, a vida que as pessoas a minha volta me favoreciam. Assim, enquanto menina, eu cresci leiga em relação aos meus desejos e sentimentos e em nenhum momento me foi alegado de que eles poderiam ser aceitos ou não aceitos socialmente. Assim como as demais meninas, eu só compreendia uma única possibilidade: para a minha vida amorosa, tal qual todas as princesas da Disney e mulheres maravilhosas dos filmes, eu deveria ter um parceiro do sexo oposto. Porém, durante a adolescência fui confrontada nos primeiros aspectos da minha vida sexual, vivenciando experiências frustrantes devido a constante busca por aprovação junto as pessoas que comigo conviviam, em todos os âmbitos da minha vida. Depois de experienciar diversos relacionamentos abusivos, com pessoas do sexo masculino, nos quais eu era dependente emocional e submissa, acabei entrando em depressão. Nesse período desenvolvi disforia de imagem e passei muito tempo sem conseguir me relacionar com as outras pessoas, seja em nível familiar ou de amizade. Um longo tempo depois dessa situação, no início da vida adulta, quando conclui o ensino médio e a minha irmã entrou na universidade, com tempo livre e a convivência com essa irmã, passei a ler sobre o Movimento Feminista

e as questões LGBTs, que me fizeram entender as dúvidas que tinha quando criança. Então pela primeira vez passei a me permitir viver uma nova possibilidade, afinal, eu não sentia atração física e menos ainda amorosa por homens, era apenas dependência e busca por aceitação, para continuar sendo uma boa garota. A partir do contato amoroso com uma pessoa do mesmo sexo entendi por que sempre me senti diferente, desde a minha infância. Atualmente me identifico como uma mulher lésbica e percebo que certos detalhes da minha personalidade como criança foram podados.

Enquanto estudante da educação básica, quando aluna do 5º ano do ensino fundamental, comecei a ter educação sexual na escola, porém essa educação reduziu-se a uma palestra sobre o processo de fecundação e como evitá-lo. Essa aula, ao invés de ser educativa, foi constrangedora para muitos alunos, principalmente as meninas. Podemos dizer que na igreja em que eu frequentava também havia educação sexual, pois sempre ouvia padres e catequistas falarem sobre os sacramentos, sendo o principal deles, o matrimônio, do mesmo modo que ouvia os meus familiares falarem.

Quando comecei a me identificar como uma pessoa pertencente à comunidade LGBTQIAPN+<sup>5</sup>, passei a me questionar e a me julgar negativamente, pois me sentia impura e demoníaca, e infelizmente esse fato acontece com muitas pessoas quando se dão conta dessa identificação. Tal fato também ocorre devido à demonização social e religiosa vivenciada por pessoas dessa comunidade, assim, não é à toa que de acordo com os últimos dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), <sup>6</sup>a cada 26 horas um LGBT brasileiro morre de forma violenta, vítima de homicídio ou suicídio, fazendo do nosso país o campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Considerando o que até aqui foi descrito sobre Educação Sexual e a minha própria história de vida, é que justifico a escolha e a pertinência de pesquisar sobre o tema salientado.

Freud, em sua teoria da Psicanálise, “ousou colocar os ‘processos misteriosos’ do psiquismo, suas ‘regiões obscuras’, isto é, as fantasias, os sonhos, os esquecimentos, a interioridade do homem, como problemas científicos” (BOCK, 2001, p. 91), caracterizando-os “como o conjunto de conhecimentos sistematizados sobre o

---

<sup>5</sup> Sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pansexual/Poli amor, Não-binárias e mais. Disponível em: <https://orientando.org/o-que-significa-lgbtqiap/#:~:text=LGBTQIAPN%2B%20%C3%A9%20uma%-20sigla%20que,%2C%20N%C3%A3o%2Dbin%C3%A1rias%20e%20mais>. Acesso em: 21 ago. 2023.

<sup>6</sup> Relatório de 2019 - Mortes violentas de LGBT+ no Brasil. Disponível em: <https://grupogaydabahia-files.wordpress.com/2020/04/relatc3b3rio-ggb-mortes-violentas-de-lgbt2019-1.doc>

funcionamento da vida psíquica, buscando o significado do que está oculto” (Idem, *Ibidem*). Para Freud a vida psíquica divide-se em: o inconsciente, onde estão os conteúdos reprimidos devido a ação de censuras externas; o pré-consciente, onde permanecem os conteúdos acessíveis à consciência; e o consciente, que recebe, ao mesmo tempo, as informações do mundo exterior e as do mundo interior. Neste caso, o pai da Psicanálise elabora a descoberta da sexualidade infantil, um dos temas mais famosos de sua pesquisa, desmistificando as teorias de sua época que pensavam que a função sexual existiria só a partir da puberdade. Para Freud a sexualidade inicia seu desenvolvimento a partir do princípio da vida, logo após o nascimento.

Neste sentido Freud postula as fases do desenvolvimento sexual infantil que se inicia na fase oral. Esta começa após o nascimento da criança, quando o bebê passa a manifestar em seu desenvolvimento aspectos que estão ligados à sexualidade, como por exemplo, em tal fase do desenvolvimento infantil, a boca se converte em zona de erotização, e assim, a criança sente prazer por ela. Tal fato acontece porque, segundo Bock et al (2001, p.): “No processo de desenvolvimento psicosexual, o indivíduo, nos primeiros tempos de vida, tem a função sexual ligada à sobrevivência, e, portanto, o prazer é encontrado no próprio corpo”.

Na primeira infância, as crianças são introduzidas em um contexto de aprendizagem, no qual vão descobrindo as partes do corpo por meio da exploração sensorial, desencadeando assim o primeiro passo para o seu desenvolvimento, que obedece a processos naturais e sociais. A educação sexual na primeira infância já pode auxiliar na ampliação dos conhecimentos, para que ela possa explorar as possibilidades da sexualidade de uma maneira saudável, e após a superação dessa primeira fase, nas fases seguintes do desenvolvimento humano, quando este atinge a adolescência, devido à puberdade, quando atinge a juventude e inicia-se a suas práticas sexuais ativas e conscientes, torna-se imprescindível favorecer a esses sujeitos a educação sexual, principalmente no seu processo de escolarização.

A nossa escolha por estudar para este TCC o tema Sexualidade e Educação Sexual no curso de Pedagogia do CFP/UFCG, surgiu a partir do nosso reconhecimento sobre a necessidade de termos professores devidamente capacitados para desenvolver práticas educativas no campo da sexualidade humana e da educação sexual. Neste caso consideramos a importância desses professores na valorização da pessoa humana, no ensino sobre respeito e amor pelo próprio corpo dos estudantes, além de proporcionar a essa compreensão e respeito às diversas

formas de manifestação e vivências da sexualidade humana. Essa educação deveria ter início no seio da família, que é onde acontecem os primeiros contatos com o mundo externo, com outras pessoas. Porém considerando tabus e preconceitos no seio da maioria das famílias, a educação sexual deve ter sequência ou iniciar-se na escola, e para que isso aconteça, é fundamental uma boa formação docente sobre a Educação Sexual para os/as futuros/as Pedagogos/as.

No curso de Pedagogia do CFP/UFCG não há uma disciplina específica voltadas para a Sexualidade e a Educação Sexual, na formação dos graduandos. Todavia, de modo indireto, existem as seguintes disciplinas: 1) Psicologia da Educação II, cuja ementa traz os seguintes temas “a psicologia do desenvolvimento humano do nascimento aos seis anos: fatores físicos, motores, cognitivos, afetivos, psicosssexuais, psicossociais, sociais e morais”; 2) Psicologia da Educação III, na qual se adota a seguinte ementa: “a psicologia do desenvolvimento humano dos sete anos à adolescência: fatores físicos, motores, cognitivos, afetivos, psicosssexuais, psicossociais, sociais e morais”; 3) Educação, Cultura e Diversidade, que apresenta a seguinte ementa: “educação, cultura e sociedade brasileira. Conceito de gênero, etnia e sua pluralidade na sociedade. As diferentes etnias e gêneros presentes no contexto da sala de aula. Racismos, machismos e intolerância” (UFCG, 2009, p. 35; 40; 48).

Porém, durante a minha experiência pessoal, no curso de Pedagogia do CFP/UFCG, todas essas disciplinas citadas abordam a Educação Sexual, entretanto da maneira não preponderante. Nas disciplinas de Psicologia da Educação II e III e Educação cultura e diversidade, foram trabalhados apenas alguns conceitos básicos, tais como: O que significa gênero? E a sexualidade? Qual a diferença do sexo? Ainda assim, tais conceitos não foram tratados na perspectiva de como abordar tais temas dentro de uma sala de aula com crianças que possivelmente pouco compreendem sobre esse assunto, ou com adolescentes que muitas vezes tem informações estereotipadas sobre sexualidade e sexo. Na disciplina Seminários temáticos II, desenvolvemos uma roda de conversa, que durou cerca de quatro horas, desmistificando e explicando cada aspecto da Educação Sexual e da Sexualidade humana.

De acordo com o nosso entendimento, não tem sido comum a prática da educação sexual, de modo efetivo e cuidadoso, em nenhum espaço social, nem na família e nem na escola, ou no ensino superior, não sendo desenvolvidas informações e conhecimentos para sujeitos crianças, adolescentes e jovens de maneira apropriada

e salutar. Tal educação deveria ser voltada para o desenvolvimento desses sujeitos, a partir da ação educativa por parte de adultos, seja familiar ou professor, e deve ser feita com criticidade, liberdade e responsabilidade, evitando-se assim a propagação de tabus e ideologias nocivas ao desenvolvimento da criança e do adolescente. Reconhecemos a particularidade que cada pai, professor ou responsável encontra para educar suas crianças e alunos, que muitas vezes é composta por ideias prepostas e cativadas por seus antepassados e de acordo com as suas vivências pessoais, sejam elas centradas na alienação e repressão ou pela liberdade e autenticidade do sujeito.

Este escrito constitui-se em três capítulos, o primeiro com três tópicos onde são abordadas as conceituações e características da Educação Sexual, seus aspectos históricos e legais, e os impactos na formação do(a) pedagogo(a). Um capítulo que descreve e explica o percurso metodológico e por fim um capítulo voltado para análise de dados da pesquisa, o qual se divide também em três tópicos, onde cada um trata das questões da entrevista semiestruturada, sendo o primeiro, sobre as experiências escolares e o interesse de cada uma das graduandas pelo estudo da temática, o segundo tópico trata sobre a experiência de cada uma durante o curso a respeito do tema em questão e por fim como este influencia na sua futura prática profissional enquanto docentes.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste tópico realizaremos teorizações e reflexões conceituais acerca da Educação Sexual no Brasil. Inicialmente, consideramos fundamental entender o que seria a Educação Sexual e a sua importância no processo de escolarização e desenvolvimento dos sujeitos crianças, adolescentes e jovens. Para tanto, trataremos sobre questões referentes a sexualidade, sexo, práticas sexuais e educação sexual na educação básica e na formação docente no curso de Pedagogia.

### 2.1 SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL: conceituações e características

A sexualidade é um campo de estudo Inter/multidisciplinar complexo, o qual indica dificuldades em sua conceituação por múltiplos aspectos e dimensões envolvidas na experiência sexual humana em meio às relações sociais, tal complexidade desafia a reflexão sobre a aprendizagem acerca da sexualidade em diferentes etapas da vida humana e, conseqüentemente, sobre sua abordagem nas escolas. Diante disso, em um guia internacional reeditado em 2018, a Unesco, ao propor uma abordagem curricular compreensiva da educação para a sexualidade (comprehensive sexuality education - CSE), reconhece a dificuldade em defini-la:

[...] pode ser entendida como uma dimensão central do ser humano, incluindo: a compreensão do corpo e a relação com ele, apego emocional e amor, sexo, gênero, identidade de gênero, orientação sexual, intimidade sexual, prazer e reprodução. Sua complexidade envolve dimensões de ordem biológica, social, psicológica, espiritual, religiosa, política, legal, histórica, ética e cultural que evoluem ao longo da vida (UNESCO, 2018, p. 17, tradução nossa).

A Sexualidade é um aspecto presente nos seres humanos, que necessitam dela para identificarem-se e compreenderem a complexidade de suas necessidades fisiológicas, assim como psicológicas e sociais. Todavia, segundo a Organização Mundial da Saúde – OMS, essa só pode ser desenvolvida de maneira que traga bons resultados quando há acesso a informações, gerando conhecimento acerca das vulnerabilidades e principalmente dispondo a liberdade para o desenvolvimento da sexualidade.

A sexualidade é um conceito que, no contexto cotidiano, costuma ser prontamente associado à atividade sexual. No entanto, é importante ressaltar que a sexualidade engloba um âmbito muito mais amplo do que apenas o ato sexual,

conforme destacado pela Organização Mundial da Saúde, conforme citado por Mattoso (2013, p. 18):

A sexualidade constitui um componente integral da identidade de cada indivíduo, sendo uma necessidade fundamental que está intrinsecamente ligada a outros aspectos da vida. É importante destacar que a sexualidade não se limita ao ato sexual (coito) ou à mera obtenção de orgasmo, mas engloba um espectro muito mais amplo. Ela é a força motivadora que impulsiona a busca pelo amor, conexão e intimidade, manifestando-se através das sensações, dos movimentos das pessoas e na maneira como elas se tocam e são tocadas.

A sexualidade exerce influência significativa sobre os pensamentos, emoções, ações e interações das pessoas, desempenhando, assim, um papel crucial na sua saúde física e mental. Assim como a saúde é reconhecida como um direito humano fundamental, a saúde sexual também deve ser considerada um direito humano básico.

Dessa forma, pode-se afirmar que a existência humana envolve intrinsecamente a dimensão da sexualidade, a qual abrange elementos biológicos, psicológicos e sociais, todos interligados. O conceito de sexualidade foi também abordado por Weeks, fazendo referência às reflexões de Michel Foucault. Nessa perspectiva, a sexualidade é concebida como uma "descrição abrangente de crenças, comportamentos, relações e identidades que são socialmente construídas e moldadas historicamente, relacionando-se com o que Michel Foucault chamou de o corpo e seus prazeres" (WEEKS, 2010, p.43).

Frequentemente, a sexualidade é erroneamente equiparada à genitália, sendo a vida sexual vista apenas como o ato sexual em si. Entretanto, Freud, no início do século XX, expandiu o entendimento desse conceito, identificando os instintos sexuais já na infância e reconhecendo impulsos sexuais mesmo em recém-nascidos.

No momento do nascimento, a criança apresenta, em sua estrutura sensorial, a boca e os lábios como áreas de sensibilidade mais desenvolvidas. É através dessas áreas que ela experimenta os primeiros momentos de prazer, especialmente durante a amamentação. Segundo Freud, "A boca é o ponto de partida pelo qual a criança começa a explorar e entender o mundo. Através da boca, ela faz sua primeira e mais significativa descoberta emocional: o seio. O seio é o primeiro objeto de afeto da criança, onde ela deposita seus primeiros sentimentos de amor e ódio" (FREUD, 1905, *apud* FIORI, 1981, p. 36).

Durante muito tempo, acreditou-se que a sexualidade só se manifestava na puberdade. No entanto, de acordo com as teorias de Freud (2006), esse entendimento deve-se, em parte, à amnésia infantil que a maioria das pessoas experimenta,

ocultando suas experiências durante os primeiros anos de vida, até os seis ou oito anos de idade.

A sexualidade da criança é formada ao longo de um processo contínuo que faz parte da vida de todos desde o nascimento. As interações sociais permitem à criança construir sua compreensão da sexualidade, adquirir conhecimento sobre seu próprio corpo e desenvolver sua identidade, refletida em suas ações e pensamentos, bem como na maneira como ela se relaciona com o mundo ao seu redor. A criança começa a descobrir as respostas que seu corpo pode fornecer quando é tocado, especialmente durante a amamentação, carinho e diversas outras situações, experimentando prazer que não está necessariamente associado ao ato sexual.

Dado que a sexualidade é uma parte intrínseca da vida de um indivíduo desde o nascimento, é importante encará-la como um aspecto significativo da formação humana que deve ser abordado no currículo escolar. Essa abordagem contribui para o desenvolvimento integral da criança, auxiliando na construção de relacionamentos saudáveis e livres de preconceitos e desinformações sobre sua própria sexualidade e a dos outros. Vamos agora examinar como esse tópico tem sido tratado ao longo da história da educação no Brasil.

No Brasil, os primeiros indícios de interesse pela educação sexual datam da década de 1920, quando a principal preocupação era abordar questões como a masturbação, as doenças sexualmente transmissíveis e a preparação das mulheres para desempenhar seus papéis de mães e esposas (COSTA, 1986). Em 1928, um programa de Educação Sexual foi oficialmente aprovado pelo Congresso Nacional de Educadores, com foco exclusivo nas crianças acima de 11 anos.

Segundo o autor, entre 1935 e 1950, ocorreu um atraso nas iniciativas relacionadas a esse assunto no Brasil, devido à forte influência da Igreja Católica na década de 1950, que reprimiu a educação sexual no sistema educacional. Na década seguinte, a imposição da ditadura civil-militar reforçou essa repressão. No entanto, isso não impediu a apresentação, em 1968, de um Projeto de Lei na Câmara dos Deputados, pela então deputada Júlia Steimburck, com o propósito de introduzir obrigatoriamente a educação sexual em todas as escolas do país e em todos os níveis de ensino. Infelizmente, o Projeto de Lei não foi aprovado (SAYÃO, 1997).

De acordo com Santos (2016), na década de 1980, o tema da sexualidade ganhou grande destaque, com a exposição da nudez, a popularização de sex shops

e a venda de revistas em bancas de jornais que forneciam informações sobre sexo para a população em geral.

A partir de meados dos anos 1980, houve um aumento na demanda por abordar questões relacionadas à sexualidade nas escolas, em resposta à crescente preocupação dos educadores diante do aumento significativo da gravidez indesejada entre adolescentes e do risco de contaminação pelo HIV (vírus da Aids) entre os jovens.

No final da década de 1990, foram desenvolvidos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) com o propósito de servir como um guia e orientação pedagógica para profissionais da área educacional. O Ministério da Educação os propôs para serem implementados em todas as escolas do país, incorporando o tema transversal da Opção Sexual (SAYÃO, 1997).

Seguindo os PCNs (BRASIL, 1998), havia a crença de que, apesar da resistência por parte de muitas famílias em relação à abordagem desse tema nas escolas, ainda existia um forte desejo de introduzi-lo, devido à sua extrema importância. As famílias encontravam dificuldades em discuti-lo com seus filhos e filhas. Duas décadas depois, a situação se modificou consideravelmente, com a atual onda de repressão dos direitos das mulheres e suas lutas contínuas.

Há uma maior resistência e menos apoio por parte das famílias quando se trata de abordar essa temática nas escolas, devido ao aumento constante da influência de grupos sociais conservadores. Tornou-se ainda mais crucial tratar abertamente de sexualidade nas escolas, uma vez que crianças e jovens frequentemente discutem o assunto entre si, compartilhando informações e orientações que são essenciais para uma vida sexual saudável e segura.

Além disso, muitos profissionais da educação se sentem inseguros ao abordar esse tema em sala de aula, pois não possuem a formação adequada. Portanto, é imperativo que as instituições educacionais ofereçam cursos de capacitação para os professores.

Conseqüentemente, a discussão sobre sexualidade em sala de aula se torna essencial, pois a escola é um ambiente privilegiado para fornecer orientação nessa área, baseada em princípios pedagógicos e fundamentos científicos. Como Guimarães (1995, p. 172) argumenta, "se a função da escola é formar e informar para a vida, a orientação sexual não deve ser tratada como um apêndice". Os professores têm o potencial de ser agentes de mudança em seus ambientes de ensino, à medida

que podem instigar reflexões sobre a sexualidade e suas diversas manifestações, contribuindo assim para a construção do autoconhecimento do aluno (NARDI; QUARTIERO, 2012).

A abordagem da sexualidade em sala de aula precisa ser cuidadosamente estruturada para promover uma construção positiva na vida dos alunos. Muitos professores, como explica Gavídia (2000), não se sentem preparados, à vontade e nem totalmente conscientes de sua responsabilidade ao tratar da sexualidade em sala de aula.

Conforme observado no início da discussão, a expressão da sexualidade surge naturalmente desde o nascimento, decorrentes da curiosidade e dos questionamentos da criança sobre seu próprio corpo e o ambiente em que vive.

Conforme mencionado anteriormente, a expressão da sexualidade emerge desde o início da vida, quando as crianças começam a questionar e explorar seu próprio corpo e o ambiente ao seu redor.

Entretanto, Saito et al (2000) destacam a complexidade de abordar esse assunto em uma sociedade que tende a evitar discussões sobre sexualidade, particularmente no que diz respeito às meninas, ao passo que, no caso dos meninos, a prática sexual muitas vezes é encorajada de forma inconsciente. Persiste a crença equivocada de que a responsabilidade pela prevenção recai exclusivamente sobre as mulheres, promovendo ideais machistas e negligenciando o papel essencial dos homens nesse contexto.

Muitos pais levantam preocupações sobre a introdução da educação sexual, temendo que isso possa incentivar o início da "vida sexual" de seus filhos mais cedo do que desejariam. No entanto, Saito et al. (2000) sustentam que a inclusão da educação sexual nas escolas tem demonstrado impactos positivos na redução das taxas de gravidez indesejada e a gravidez não planejada, conforme corroborado em seus estudos (SAITO et al., 2000, p. 45).

A falta de espaços abertos para promover discussões sobre questões relacionadas à sexualidade resulta em um déficit de informações embasadas cientificamente. Isso, por sua vez, propicia a disseminação de informações distorcidas sobre o tema, prejudicando o desenvolvimento saudável da sexualidade dos adolescentes. A carência de uma educação sexual sólida muitas vezes leva os jovens a iniciar sua vida sexual sem acesso à proteção adequada, expondo-os a riscos como infecções e gravidez indesejada e não planejada (MANTOVANI et al., 2014).

É desafiador estabelecer uma definição única para o conceito de sexualidade, uma vez que sua essência transcende as fronteiras de nossos corpos. Para compreender de maneira mais profunda a complexidade da sexualidade humana, é necessário delinear sua composição intrínseca, sua verdadeira essência.

Conforme apontado por Figueiró (2009), é fundamental distinguir entre sexo e sexualidade para uma compreensão mais clara. O primeiro se refere diretamente ao ato sexual e à satisfação das necessidades biológicas de prazer sexual, necessidades inerentes a todos os seres humanos desde o nascimento. Por outro lado, a sexualidade abrange não apenas o aspecto físico, mas também elementos como afetividade, carinho, prazer, amor, sentimentos mútuos de apreço, gestos, comunicação, toque e intimidade.

Conforme definido no dicionário de Kury (2010), o sexo se relaciona com as diferenças físicas e características anatômicas distintivas que distinguem machos de fêmeas, especialmente os órgãos genitais externos, ou seja, engloba um conjunto de características fisiológicas.

## **2.2 A EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL: aspectos históricos e legais**

No Brasil, a introdução da educação sexual nas escolas ocorreu nas décadas de 1920 e 1930, marcando uma mudança no discurso sobre a sexualidade de crianças e adolescentes. Os chamados "desvios sexuais" deixaram de ser considerados crimes e passaram a ser vistos como doenças. A escola passou a ser vista como um local para intervenção preventiva, enfatizando a importância da higiene e cuidado com a sexualidade de jovens, visando promover comportamentos considerados "normais".

Altmann (2001) esclarece que a introdução da educação sexual na escola não ocorreu por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). No entanto, esse tema foi incorporado no contexto histórico e nas demandas atuais, sendo reintegrado como educação sexual na escola, abordando a temática da sexualidade de maneira mais aberta e flexível.

Leôncio (2013) discute a educação sexual que acontece no ambiente familiar, reproduzindo os padrões, valores morais e éticos predominantes na sociedade. A educação sexual é vista como um processo de socialização no qual as pessoas transmitem a cultura sexual às novas gerações com o objetivo de integrá-las ao contexto cultural de seu grupo.

Segundo Vitiello (1997), a Educação Sexual envolve um processo mais elaborado no qual o orientador ajuda os indivíduos a analisar diferentes opções com base em sua experiência e conhecimento, tornando-os aptos a descobrir novos caminhos.

Nos PCNs, a orientação sexual aborda três eixos fundamentais que auxiliam os professores na intervenção: o corpo como base da sexualidade, promovendo o conhecimento e respeito pelo próprio corpo; discussões sobre gênero; e a prevenção de doenças.

Com base nesse entendimento, a família desempenha um papel primordial na educação sexual desde o nascimento da criança. É sua responsabilidade principal iniciar esse processo e, em seguida, a escola pode dar continuidade e fornecer orientação, já que, como instituição formadora, deve saber como continuar essa educação sexual de maneira a promover o desenvolvimento de indivíduos saudáveis.

Figueiró (2009) define o termo educação sexual como sinônimo na construção de uma linguagem comum de conceitos teóricos no ambiente acadêmico. De acordo com Jesus (2008), independentemente do termo utilizado, seja educação ou orientação sexual, a ação pode ser a mesma, desde que o educador mantenha uma postura que permita que os alunos sejam sujeitos livres para pensar, sentir e agir diante de novos conhecimentos durante as atividades educativas.

Atualmente, o termo "Orientação Sexual" também é usado para descrever o sentimento de atração afetiva ou sexual entre uma ou várias pessoas, independentemente do sexo. No entanto, neste trabalho, optou-se por utilizar o termo "Educação para a Sexualidade" devido às suas características que garantem a inclusão efetiva da temática da sexualidade nas escolas, promovendo informações abrangentes para cada indivíduo, reconhecendo as diferenças e estimulando discussões abertas que promovem valores e respeito pela sexualidade.

Durante as primeiras décadas do século XX, emergiu uma crescente atenção voltada para a inclusão da educação sexual no âmbito das instituições de ensino brasileiras. Essa temática foi pioneiramente introduzida por meio das iniciativas do renomado educador Fernando de Azevedo, que, ao longo da década de 1920, desempenhou um papel fundamental na promoção de reformas educacionais nos estágios iniciais do sistema educativo brasileiro. No entanto, a motivação primordial para a introdução deste tópico na esfera educacional estava intrinsecamente

relacionada ao movimento eugenista<sup>7</sup>, que buscava ativamente promover a "melhoria" da composição populacional do Brasil, atingindo o auge de sua influência nas décadas de 1910 a 1930.

A educação sexual, nesse contexto, orientava-se em direção à "instrução" das crianças e jovens no sentido de aprimorar a "linhagem brasileira", enfatizando a preferência pela miscigenação entre pessoas de ascendência africana e mestiça com indivíduos de origem europeia. Além da influência eugênica, essa abordagem da orientação sexual também incorporava elementos da moralidade cristã burguesa, tais como a promoção da prática sexual exclusivamente com vistas à reprodução, a pregação da abstinência sexual (especialmente entre as jovens, mulheres solteiras, separadas, viúvas e pessoas idosas), a promoção da monogamia, a valorização da continência e a estigmatização do corpo feminino como um local de pecado (GUIMARÃES, 1995; CÉSAR, 2009; SILVA, 2012; SCHWARCZ, 1994).

A década de 1930 se destaca como um marco de extrema relevância nas conversas acerca da educação sexual no território brasileiro. Esse período ganhou notoriedade, especialmente, com a fundação do Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES), o qual lançou um periódico denominado "Boletim de Educação Sexual" entre os anos de 1933 e 1939. As perspectivas teóricas manifestadas nos discursos e práticas do CBES tinham como alvo principal a promoção de um projeto civilizatório que visava desvincular a sexualidade da esfera da sensualidade, com o intuito de corrigir o que se percebia como um excesso de expressão sexual (OLIVEIRA, 2012, p. 509).

Os médicos que compunham o Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES) tinham a intenção de, por meio da educação, forjar uma nova moral sexual na nação. Para atingir esse objetivo, empreenderam esforços para quebrar o tabu que envolvia as conversas sobre sexualidade na sociedade da época, encorajando, assim, o

---

<sup>7</sup> Eugenia é um termo que veio do grego e significa 'bem nascido'. "A eugenia surgiu para validar a segregação hierárquica", explica ao **VIX** a pesquisadora Pietra Diwan, autora do livro "Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo". O Brasil não só 'exportou' a ideia como criou um movimento interno de eugenia. Médicos, engenheiros, jornalistas e muitos nomes considerados a elite intelectual da época no Brasil viram na eugenia a 'solução' para o desenvolvimento do país. Eles buscavam, portanto, respaldo na biogenética (ou seja, nos estudos e resultados de pesquisa de Galton) para excluir negros, imigrantes asiáticos e deficientes de todos os tipos. Assim, apenas os brancos de descendência europeia povoariam o que eles entendiam como 'nação do futuro'. Mulher <https://www.mulher.com.br/atualidades/ciencia/o-que-foi-o-movimento-de-eugenia-no-brasil-tao-absurdo-que-e-dificil-acreditar> POR:**VIX** PUBLICADO 27 JUN 2017 – 05:35 PM EDT | ATUALIZADO 15 MAR 2018 – 04:57 PM EDT

diálogo acerca do tema. Essa abordagem tinha como finalidade regulamentar as discussões sobre sexualidade de acordo com as normas morais vigentes à época. Aparentemente, poderia-se interpretar isso como uma libertação sexual, mas, na realidade, representava uma iniciativa de higienização da sexualidade em proporções sem precedentes na história do Brasil (OLIVEIRA, 2012).

O Golpe Militar de 1964 não apenas marcou um ponto de inflexão na política brasileira, mas também teve repercussões significativas no domínio da educação sexual. Os líderes militares, guiados pela preservação dos valores morais cristãos e burgueses, e influenciados pela perseguição que Alfred Kinsey enfrentava nos Estados Unidos, acusado de atividades comunistas (SENA, 2010), suprimiram completamente qualquer iniciativa de orientação sexual nas escolas. Mesmo tentativas de introduzir uma abordagem de educação sexual com uma perspectiva cristã foram desencorajadas.

No entanto, apesar da repressão inclemente, algumas escolas, principalmente em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, ousaram incluir questões relacionadas à orientação sexual em seus currículos. Essas iniciativas, contudo, tiveram vida curta devido à intensificação da repressão. A década de 1970, em particular, ficou caracterizada por um retorno exacerbado ao puritanismo no país (GUIMARÃES, 1995; SILVA, 2012).

No entanto, é na década de 1970, durante seus últimos anos, que a sociedade brasileira inicia um processo de reflexão acerca da educação sexual nas escolas. Especificamente, nos anos de 1978 e 1979, congressos sobre educação sexual foram promovidos por iniciativa de pensadoras feministas e realizados por instituições de ensino privadas em todo o país. No final da década de 1970 e no início da década de 1980, ocorreram dois eventos de alcance nacional com foco central na temática da sexualidade. O primeiro deles foi o 1º Seminário Técnico de Educação Sexual, organizado pela Sociedade Civil Bem-estar Familiar do Brasil (BEMFAM). O segundo evento foi o 1º Encontro Nacional de Sexologia, promovido pela Federação de Ginecologia e Obstetrícia. Ambos os eventos, com uma ênfase notável na dimensão biológica da sexualidade, abordaram predominantemente tópicos como contracepção, gravidez na adolescência e prevenção de doenças. O último evento, em particular, promoveu um debate intenso sobre a AIDS, que estava começando a assombrar a sociedade em escala global (LOURO, 2004; SILVA, 2012; GUIMARÃES, 1995). Neste sentido, temos o PROJETO DE LEI N.º 42-A, DE 2007 que traz disciplina à questão:

Disciplina a oferta de educação sexual nas escolas de educação básica; tendo parecer da Comissão de Educação e Cultura, pela aprovação, com emenda (relator: DEP. ANTONIO BULHÕES). [...] Art. 2º As escolas de educação básica que ofertam educação sexual deverão exigir dos alunos interessados em cursá-la a autorização de seus pais ou representantes legais [...] Parágrafo único. A matrícula em aulas de educação sexual deverá ser facultativa e o rendimento obtido pelos alunos não poderá integrar o processo de avaliação de ensino-aprendizagem da série e nível em que se encontram. (BRASIL, 2007. p. 1, 2)

Tal dispositivo regulamenta o ensino de Educação Sexual, porém será realizado de maneira transversal, o que significa que a Educação Sexual será abordada dentro de outras disciplinas, sem a menor obrigatoriedade de mostrar os resultados que esse conteúdo traria para os educandos, podendo até ser barrada pelos pais desses ou pela comunidade.

A abordagem da Educação para a Sexualidade no Brasil teve sua origem na preocupação com questões como a masturbação e as doenças venéreas. Em 1928, houve uma tentativa de introduzir a educação sexual nas escolas por meio do Congresso Nacional, um marco significativo. No entanto, devido à influência da Igreja, a efetivação desse ensino não se concretizou.

De acordo com Souza (2002), durante os primeiros anos da década de 1960, antes do início da ditadura militar, o Brasil experimentou um período de renovação pedagógica, que coincidiu com a ressurgência do tema da Educação para a Sexualidade no discurso educacional.

No entanto, com a chegada da ditadura militar, houve um regime que restringiu a discussão de costumes, levando à supressão efetiva da educação sexual e à eliminação das conversas pedagógicas sobre sexualidade nas escolas. Somente nas décadas de 1970 e 1980, devido à resistência à ditadura e aos movimentos pela redemocratização do país e pelos direitos das mulheres, foi possível desafiar esse controle e reintegrar a educação sexual como parte importante da educação.

Conforme destacado por Foucault (2009), a educação sobre sexualidade sempre teve um papel variável nas escolas brasileiras, ora sendo "proibida" e "ameaçada", como durante a ditadura militar, ora sendo formalmente reconhecida nos currículos e diretrizes curriculares.

Após inúmeras lutas das pessoas LGBTQs e transformações na sociedade, a Educação para a Sexualidade nas escolas é agora vista como um processo educativo em que conhecimentos e experiências relacionados à sexualidade são transmitidos de maneira estruturada. Maio (1996) argumenta que a escola desempenha um papel

social crucial e é um local privilegiado para a disseminação de conhecimentos universais.

### **2.3 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO**

A educação sexual se faz presente atualmente como um dos assuntos mais comentados quando se fala em escola e educação, devido à grande propagação de tabus e a forte influência de algumas instituições religiosas e conservadoras na sociedade (SILVA, 2015). Essa educação visa a autonomia, a tolerância e respeito as diversidades de quem dela participa, entretanto, um dos principais contribuintes dessa ação - que é o professor, pouco se envolve e em alguns casos tem pouco ou nenhum conhecimento a respeito, além das questões particulares de cada um serem levadas para as salas de aulas (FAGUNDES, 1993).

O professor, principalmente o Pedagogo que é responsável pela Educação Infantil e primeiros anos do ensino fundamental, fazendo-se presente em alguns dos momentos mais importantes da vida de uma criança, que é quando adentram à escola e entram em contato com o externo, com a diversidade, o período de grandes mudanças onde cada criança precisa do acolhimento necessário para que se desenvolva de maneira a entender a pluralidade da raça humana, que possa estreitar seus laços com o novo e principalmente respeitar todos esses aspectos das particularidades de cada pessoa. Portanto:

Sem uma formação inicial e continuada eficiente e eficaz os resultados apontados sobre as posturas e práticas escolares na abordagem da Educação Sexual continuarão, em grande parte, tais como se apresentam nas pesquisas. Em face de suas dificuldades, o professor/educador acha melhor tratar dos aspectos biológicos pura e simplesmente e, para isso, considera que “existe o professor da área de Ciências”. Então, “Educação Sexual nada tem a ver comigo”, o que o tranquiliza em relação a seu falso “não-envolvimento” com o tema. (SILVA et al, 2012. p.195)

A fim de que todo o suporte necessário exista, é fundamental a preparação do profissional responsável por mediar tal ambiência. Nesse aspecto, o período de formação influencia completamente no perfil e na maneira como esse(a) educador(a) irá trabalhar com toda a bagagem trazida pelas crianças do seio de suas famílias, suas crenças, costumes e perspectivas acerca do mundo e de outras pessoas, onde, até então foi seu único espaço de aprendizagem e conhecimento de mundo.

Tendo em vista tudo que fora apresentado até então, ao iniciar os estudos sobre educação sexual seria fundante que se enxergue essa temática como um aspecto social vigente e a partir dessa perspectiva utilizá-la da melhor maneira possível durante a atuação profissional. Porém, devido aos preconceitos acerca da valorização e discussão sobre sexualidade, nem sempre a Educação Sexual recebe a atenção e o respeito necessário.

A abordagem sem a mínima importância acerca da Educação Sexual, perpassa a educação infantil e todo o período do ensino fundamental e médio de uma pessoa. Chegando ao processo de formação no superior. Durante a formação de um pedagogo, por exemplo. Dentro do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, não existe nenhuma disciplina específica voltada exclusivamente para a Educação Sexual. Onde o futuro profissional da educação possa se apoiar e sessar ao menos algumas das lacunas deixadas durante sua formação no ensino fundamental e médio.

No curso mencionado existe unicamente uma disciplina que aborda a Educação Sexual. Intitulada “Educação, cultura e diversidade”, objetiva: “favorecer aquisição de conhecimentos enfocando a relação entre educação, cultura, gênero e etnia numa sociedade pluriétnica” (Projeto Pedagógico Do Curso - PPC, 2009; p.48). A Educação Sexual do modo básico e simplório, tendo em vista a grande diversidade em relação a Sexualidade.

A referida pesquisa será construída sob a perspectiva dos educandos em relação a desenvoltura dessa disciplina e, onde mais a temática da Sexualidade e da Educação sexual são aprimorados no do curso. Tendo em vista a necessidade desse assunto na formação dos pedagogos:

No campo da sexualidade deve-se empregar o mesmo rigor científico e princípio pedagógico que privilegia a construção do conhecimento para além da simples informação. Mais importante que transferir conhecimentos é ensinar os/as alunos/as a saírem de uma condição passiva e receptiva para outra ativa e interlocutora. (AUGUSTINI, 2020; p. 99)

A temática da Educação Sexual, mesmo em um curso superior que formará docentes que lidarão com a base escolar, é extremamente vasta e pouco ou quase nada discutida, perpetuando preconceitos, a falta de informações e gerando diversos problemas no desenvolvimento das pessoas e em toda a sua vida. Prejudicando sua comunicação, os relacionamentos, podendo até sofrerem quaisquer tipos de abuso sem terem a mínima ideia de que aquilo não é normal nem sadio.

Na rotina da sala de aula, frequentemente surgem perguntas relacionadas à sexualidade. Nesse contexto, é responsabilidade da escola proporcionar um ambiente onde essas dúvidas possam ser esclarecidas e onde os tabus que cercam o tema da sexualidade possam ser desmistificados.

A instituição educacional deve promover a informação e a discussão em torno dos diversos tabus e preconceitos, visando desconstituir as crenças e atitudes arraigadas na sociedade, com o objetivo de aprimorar as concepções sobre sexualidade.

A sexualidade é um tema amplamente discutido em nosso meio social. De acordo com Pinto (1999), na época atual, não faz mais sentido abordar a sexualidade de maneira velada. Ele argumenta que, se desejamos um mundo mais maduro e esclarecido, não podemos privilegiar a implicitude em detrimento da exploração das questões relacionadas à sexualidade.

A escola é um ambiente inserido em uma sociedade repleta de questões polêmicas e atuais. Sua principal missão é orientar e esclarecer as dúvidas dos alunos. Não cabe à escola estabelecer regras rígidas ou interferir nas escolhas dos alunos.

Ensinar sobre sexualidade implica em proporcionar a todos os indivíduos as oportunidades para compreender e aceitar sua sexualidade e seus corpos de forma positiva, sem preconceitos, culpas, vergonha ou medo. Atualmente, vemos casos frequentes de imposição da norma heterossexual em diversos ambientes sociais, e esse tipo de atitude pode resultar em sérios danos emocionais para os alunos não heterossexuais. Esse discurso promove humilhação e violência.

De acordo com Gonçalves (2010), em nossa sociedade, a sexualidade não tem sido explorada ou discutida de maneira adequada, o que leva as pessoas a não serem educadas sobre o assunto e a verem o exercício da sexualidade como algo negativo e pecaminoso, resultando em uma educação sexual inadequada.

Conforme Rangé (2001), a falta de informações sobre sexualidade, a distorção dos ensinamentos (seja por motivos religiosos ou sociais) e a exposição excessiva podem causar uma série de problemas na atividade sexual. A ausência de diálogo sobre o tema coloca o indivíduo em situações de risco, como gravidez indesejada e não planejada, infecções sexualmente transmissíveis e traumas emocionais e psicológicos decorrentes de experiências sexuais frustrantes.

A responsabilidade pela formação do indivíduo recai tanto sobre a família quanto sobre a escola, sendo dever de ambos proporcionar uma educação libertadora e saudável, que promova a autonomia e o pensamento crítico em relação ao seu próprio comportamento e ao dos outros, enfatizando o respeito mútuo e a valorização da vida.

É fundamental que a Educação Sexual comece em casa e seja continuada na escola, uma vez que é na escola que informações reais e contextualizadas serão compartilhadas. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1998, a escola permite discussões de diferentes perspectivas relacionadas à sexualidade, sem impor valores específicos sobre outros.

Conforme Foucault (2009), o final do século XVIII testemunhou o surgimento de novas tecnologias relacionadas à sexualidade. Nesse período, o conceito de sexualidade deixou de ser exclusivamente uma questão leiga e passou a fazer parte das preocupações do Estado, influenciado pela pedagogia, medicina e economia. A sexualidade se desenvolveu em três principais áreas naquela época: a pedagogia, que se preocupava com a sexualidade das crianças; a medicina, que investigava a fisiologia das mulheres; e a demografia, que visava à regulação dos nascimentos, seja de forma espontânea ou planejada.

A instituição escolar tem evoluído ao longo da história, adaptando-se às mudanças sociais e atendendo às novas demandas da sociedade. Atualmente, as escolas enfrentam múltiplas transformações e desafios que exigem abordagens educacionais inovadoras e colaborativas.

A Educação Sexual é um tópico abrangente que se adapta aos diversos contextos históricos, promovendo a exploração de várias perspectivas e contribuindo para a construção de ideias sobre sexualidade. A integração da Educação Sexual nas escolas é fundamental para abordar os problemas mencionados anteriormente, que os alunos enfrentam devido à falta de informação. Isso ajuda a desmistificar tabus de maneira responsável, permitindo que os alunos compreendam seus próprios corpos, desfrutem de sua sexualidade e respeitem a diversidade sexual.

O Ministério da Educação (MEC) estabeleceu os Parâmetros Curriculares Nacionais - Temas Transversais, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual em 1997 com o objetivo de auxiliar educadores na promoção de uma educação sexual nas escolas que capacitasse crianças e jovens a compreender seus sentimentos e as

mudanças em seus corpos, preparando-os para uma vida adulta saudável e satisfatória.

Entretanto, discutir o tema da sexualidade nas escolas ainda gera apreensão entre os educadores. Em muitas instituições de ensino, as abordagens se concentram em aspectos técnicos, como questões biológicas e reprodutivas. De acordo com Abramovay (2004), algumas escolas adotam conversas mais descontraídas, enquanto outras associam o assunto principalmente às aulas de ciências, relacionando-o à compreensão do corpo humano.

Figueró (2009) argumenta que os professores são os mais indicados para abordar essas questões, pois têm a habilidade de facilitar debates e diálogos que permitem aos alunos expressar seus sentimentos, dúvidas e ansiedades. A Educação para a Sexualidade, quando introduzida na escola, não se trata apenas de falar sobre sexualidade, mas sim de promover discussões e interações sobre diversos conhecimentos, abordando questões relacionadas ao tema. Isso difere da educação oferecida pelas famílias, pois estimula uma visão crítica, sem impor valores, preconceitos, informações equivocadas e tabus.

A educação sexual ministrada nas escolas possibilita que os alunos desenvolvam atitudes coerentes, conheçam melhor sua própria sexualidade e desenvolvam seus próprios valores de acordo com seu entendimento. Isso contribui para formar indivíduos críticos e conscientes de sua sexualidade.

No entanto, é importante abordar a educação sexual nas escolas com cuidado e segurança, pois o assunto é complexo, um pouco sensível para algumas pessoas e socialmente polêmico. É um processo em constante evolução, que começa pela capacitação dos professores que trabalharão com essa temática, os quais precisam lidar com dúvidas, preconceitos, brincadeiras, questionamentos entre varias outras questões. Como afirmado por Maio (1996), para implementar uma orientação sexual satisfatória no ambiente escolar, ainda é necessário percorrer um longo caminho para desenvolver um projeto pedagógico coerente e adequado.

No contexto educativo, o professor desempenha um papel crucial ao facilitar a busca de conhecimento por parte dos alunos e ao compartilhar seus próprios conhecimentos, possibilitando que os alunos simbolizem, armazenem, expressem e reformulem suas compreensões. Juntos, eles colaborativamente constroem o processo de aprendizagem. Para que essa aprendizagem seja eficaz, é fundamental que o professor apresente certas características, como estar bem informado,

demonstrar respeito pelos alunos, transmitir confiança, estar aberto ao diálogo, entre outros atributos.

A inclusão da orientação sexual no currículo escolar é importante e deve ser conduzida por educadores que sejam dinâmicos, sensíveis à diversidade cultural e reflexivos em suas práticas. É essencial que esses profissionais busquem continuamente aprimorar seus conhecimentos, a fim de desenvolver abordagens pedagógicas atualizadas e adquirir novos conceitos.

A questão da sexualidade está se torna cada vez mais comum nas conversas de jovens de diversas idades. A falta de informação e o desconhecimento nesse campo podem levar a experiências sexuais precoces, resultando em consequências como doenças sexualmente transmissíveis, gravidez não planejada, traumas emocionais, evasão escolar e outros problemas.

É comum vermos casos de homofobia, violência contra mulheres, estupros e muitos outros sendo amplamente discutidos na mídia. Entretanto, um caso que chamou a atenção este ano foi o de um estupro coletivo na zona oeste do Rio de Janeiro, onde aproximadamente 30 jovens agrediram violentamente uma jovem. Esse incidente destacou a naturalização da violência contra as mulheres em nosso país e fortaleceu o que pode ser chamado de "cultura do estupro". Deveria ser motivo de grande indignação por parte da sociedade, mas, ao invés disso, vimos uma série de justificativas machistas para um ato hediondo como esse, perpetuando uma mentalidade de dominação masculina sobre as mulheres. Essa ação ameaça a segurança de todas as mulheres e mina a nossa fé na justiça e no respeito pelo corpo e pela sexualidade alheia.

As atitudes mencionadas são reflexo de uma sociedade machista que frequentemente culpa a vítima em vez de responsabilizar o verdadeiro autor do crime, algo semelhante ao que foi exemplificado na problemática deste estudo em relação à escola. Em ambos os casos, vemos a omissão da sociedade, a falta de orientação e tentativas de distorcer a verdade.

Todos esses casos são consequência da ausência de uma Educação para a Sexualidade. Os pais nem sempre dialogam com seus filhos e a escola, que poderia ser um local para promover uma educação que preparasse para uma convivência democrática, respeitando e entendendo as diversas orientações sexuais, muitas vezes oferece pouca orientação. A Educação para a Sexualidade é essencial para

proporcionar uma compreensão mais informada e gratificante da sexualidade, promovendo autonomia, responsabilidade e liberdade.

### 3 METODOLOGIA

A ciência, tal como a vida em geral, demanda planejamento e organização para atingir metas e objetivos. Durante a condução de uma pesquisa científica, é crucial utilizar métodos apropriados, tomar decisões cuidadosas e aplicar técnicas adequadas, tudo com o intuito de alcançar o propósito da pesquisa e encontrar respostas para as questões sugeridas, promovendo, deste modo, o avanço do conhecimento. A produção do conhecimento científico transcende a mera coleta de informações, requerendo um processo mais elaborado. Para gerar o que se denomina conhecimento elaborado, é essencial seguir uma metodologia sistemática, utilizando uma teoria como ponto de partida, para refletir, argumentar, questionar, investigar hipóteses e criar respostas.

O conhecimento científico, tomando como referência Barros et al (1990), pode ser definido como o aperfeiçoamento do conhecimento básico, sistematizado a partir de métodos para a elaboração de conhecimento, que necessita de organização e preparação. Sobre o que é o método científico, Richardson afirma:

Método é o caminho ou a maneira para chegar a determinado fim ou objetivo, distinguindo-se assim, do conceito de metodologia, que deriva do grego *méthodos* (caminho para chegar a um objetivo) + *logos* (conhecimento). [...] o método científico é o caminho da ciência para chegar a um objetivo. A metodologia são as regras estabelecidas para o método científico. (Richardson, 2012, p. 22)

Segundo Gonsalves (2001, p. 11), o método “deve funcionar como guia do pesquisador em relação aos passos a seguir [...] é uma apresentação organizada do conjunto de decisões que você tomou em relação à investigação científica que pretende empreender”.

A fim de elaborar este TCC enquanto trabalho científico, condizente com as diretrizes citadas, a metodologia desta pesquisa se constitui enquanto qualitativa. Para Gonçalves, a pesquisa qualitativa se preocupa “com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica” (Gonsalves, 2001, p. 68).

Nessa perspectiva qualitativa, essa pesquisa constitui-se como sendo do tipo exploratória, que, conforme Gonsalves:

É aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de idéias, com objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado. Esse tipo de pesquisa também é denominado "pesquisa de base", pois oferece dados elementares que dão suporte para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema. (Gonsalves, 2001, p. 65).

Para a coleta de dados foi utilizado como instrumento a entrevista individual, na modalidade semiestruturada, aplicada a quatro estudantes do curso de Pedagogia do CFP/UFCG, do turno matutino, que estão no nono período do curso. Todas as quatro são mulheres, com idade entre 20 e 30 anos> Para preservar a identidade destas, as nomeei inspirando-me em cantoras da música popular brasileira, sendo elas: Elis, Rita, Cássia e Elza, para facilitar a compreensão de seus discursos durante a escrita. Os dados coletados foram organizados e analisados de acordo com a análise de conteúdo, segundo as especificações de Bardin (1977).

As entrevistas foram realizadas com a concordância prévia das participantes da pesquisa, sendo gravada com o auxílio do aparelho celular e, na sequência, transcrita para um documento em Word. Antes de realizarmos as entrevistas, cada entrevistada assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

## 4 FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE NO CURSO DE PEDAGOGIA

As análises dos dados sobre a educação sexual na formação dos estudantes do curso de Pedagogia do CFP/UFCG mostraram aspectos significativos relacionados a essa temática, que julgamos de grande importância para a formação de educadores. Tais aspectos compõem este capítulo, que está organizado a partir de três tópicos, a saber: Experiências escolares e interesse pelo estudo sobre educação sexual e sexualidade; Formação sobre educação sexual e sexualidade no Curso de Pedagogia; Perspectivas sobre Educação sexual e sexualidade no trabalho docente futuro.

### 4.1 EXPERIÊNCIAS ESCOLARES E INTERESSE PELO ESTUDO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE

Diante de tudo que foi visto até então, para analisar mais profundamente como acontece a explanação da educação sexual e sexualidade no curso de Pedagogia da UFCG/CFP, foram analisadas as perspectivas das entrevistadas. Inicialmente tratando dos interesses ou desinteresses destas, sobre a referente temática. A entrevistada Elis compartilha conosco seu interesse e justifica-o: *“sim, tive, por que eu acho que é algo muito relevante para o campo da educação, para o âmbito escolar e, geralmente, é um dos âmbitos em que a gente mais atua. Então eu acredito que seja uma temática muito relevante para a nossa atuação profissional”*.

A fala de Elis toca em dois pontos fundamentais, a relevância da educação sexual e sexualidade no âmbito educacional. E o reforça, falando que o fato de que trabalhar no âmbito escolar é uma de nossas principais funções enquanto futuras(os) pedagogas (os). Tal afirmação pode ser compreendida segundo Guimarães (1995, p. 172): *“a função da escola é formar e informar para a vida”*, possibilitando o desenvolvimento pleno em todas e quaisquer áreas, tanto científicas, quanto humanas, englobando também a sexualidade, já que essa está presente intrinsecamente em todos os seres humanos.

Ainda sobre o interesse das entrevistadas, Cássia remete-o propriamente à graduação, questionando a falta dessa temática ou a ausência de foco sobre ela, durante o curso. Diz: *“são temas pouco discutidos na universidade. E a gente não tem, disciplinas específicas sobre essas questões”*, demonstrando que por mais importante que julgamos ser essa temática, e independente dos interesses dos graduandos,

ainda não há o suporte necessário por parte do curso para com os seus estudantes acerca desse tema.

Durante o ensino superior, propriamente no curso de Pedagogia do CFP, é perceptível a falta da disponibilização e abordagem sobre o tema em questão ofertada por esse curso, dando sequência ao que ocorre na educação básica. Assim, questionamos como a educação sexual aconteceu, ou não aconteceu, desde a infância e durante a educação básica das entrevistadas. A respeito disso, Rita declara que *“não aconteceu, foi de forma muito superficial, só se tivesse alguma questão ali que fosse preciso tocar no tema, mas para trabalhar mesmo, não!”*. Da mesma maneira, Elza relata: *“na época quando eu estudava era muito difícil a gente falar sobre sexualidade e educação sexual”*. Em complementação a essas afirmações Cássia concebe uma justificativa: *“só eram discutidas quando tinha aquelas campanhas sobre sexualidade, sobre abuso... Eram mais durante esses períodos, nos outros não era discutido”*.

A partir do testemunho das entrevistadas, que têm idades muito próximas, podemos concluir que há alguns anos a educação sexual livremente trabalhada seria um vislumbre de muita evolução para tal geração. São muitos os tabus, os preconceitos e os impedimentos sociais que existem para barrar a educação sexual e os diálogos sobre sexualidade com crianças ou adolescentes, por parte da escola ou até mesmo de seus familiares e responsáveis.

Falar sobre sexo e sexualidade livremente para a geração dos meus pais foi algo impossível. Minha mãe trabalha na saúde há quase trinta anos e mesmo inserida nesse ambiente, onde é necessário disponibilizar informações aos cidadãos sobre esse assunto, ela nunca tocou sobre este comigo. Para as entrevistadas isso aconteceu da mesma maneira, sem instruções diretas por parte da sua família e, muito menos, da escola.

Mas, seria errôneo afirmar que durante seus percursos educacionais as entrevistadas não tiveram nenhum momento dedicado à educação sexual. Neste sentido, Elis explica o seguinte: *“na educação básica a gente via esses assuntos, assim, mais básicos mesmo, como o próprio nome já diz, por exemplo, era algo muito limitado. Era o que o livro trazia do sistema reprodutor. Uma vez ou outra havia palestras. Havia participações de alguém, mas era algo muito superficial”*.

Comumente a educação sexual não faz parte do cotidiano escolar, todavia, em algum momento ela precisa acontecer. Quando necessário, é tratado de maneira

simplificada, apenas na perspectiva biológico-higienista, na qual trata-se unicamente do biológico do ser humano, as distinções de sexo (impondo-o ao gênero), o corpo humano e a reprodução (FURLANI, 2011). Em alguns momentos, são comuns em feiras de ciências, palestrantes falarem sobre preservativos e prevenção contra IST's.

Entretanto, a sexualidade se faz presente não apenas fisicamente, mas envolve o psicológico, os sentimentos, o autoconhecimento, o prazer, o bem-estar e a felicidade, tudo isso faz parte, particularmente, de cada ser humano e cada aspecto desses interfere diretamente na maneira como esse ser se relaciona com as outras pessoas e com a sua própria vida. Assim, a educação sexual se constitui como um ato de liberdade e um ato político que permite que cada um de nós viva a vida da melhor maneira.

#### **4.2 A FORMAÇÃO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE DURANTE CURSO DE PEDAGOGIA**

Para dar continuidade a essa análise, trataremos neste tópico sobre a importância do tema sexualidade e educação sexual na formação das(os) graduandas(os) em Pedagogia. As quatro estudantes entrevistadas julgaram tal tema como fundamental, com grande relevância para as suas atuações profissionais futuras. A respeito disso Elis enfatiza: *“acho que é importante haver essa preparação porque a gente vai lidar com isso, né? A gente sabe que criança, a todo momento ela traz perguntas, então a gente tem que estar preparado para responder”*. E em complemento a essa afirmação Rita explica que:

O professor atua com diversos temas e situações em sala de aula também, então, quanto mais cedo a criança tem acesso e tem conhecimentos acerca da educação sexual, ela vai saber ouvir e também ensinar e vai ser, tipo, livre de qualquer preconceito[...]. Então, eu acho que como isso pode ter a ver, é muito importante que desde criança ela tem acesso a essa educação sexual para que mais na frente, ela não fique perdida do tema, porque a gente se sente assim, quando a gente se vê, não tem acesso, como eu não tive, na educação básica, no ensino médio a gente vai ter mais conhecimento, quando a gente chega na universidade ou em outro lugar que aborda o assunto.

Sobre essa questão, Miranda (2015) enfatiza a ausência da Educação Sexual nos currículos dos cursos de formação de professores, enquanto Leão (2010) observa que no curso de pedagogia prevalece uma ênfase nos conteúdos escolares que já são comumente trabalhados em sala de aula, negligenciando-se a importância de

abordar a diversidade como um tópico relevante. Desse modo, de acordo com as entrevistadas Elis e Rita, a educação sexual precisa estar presente desde a infância, felicitando sua compreensão, para que mais a frente, como em seus casos enquanto graduandas em Pedagogia, não sintam tantas dificuldades em relação à temática durante a prática de suas profissões.

Para tanto, compreender como trabalhar sobre sexualidade e educação sexual com crianças deveria ser uma prioridade dentro do curso de formação. A estudante Cássia explica impecavelmente o porquê de tanto preconceito com esse tema.

Bom, eu vejo que é uma temática muito importante a ser trabalhada, primeiramente, que nós precisamos entender é que falar em educação sexual não é falar sobre sexo, né! A autora Manuela Dávila, ela fala sobre isso, fala que educação sexual não é ensinar a fazer sexo, então, primeiramente a gente precisa ter a compreensão disso, porque na educação infantil, são temas pouco trabalhados, mas é ali, onde a gente começa a mostrar para a criança, onde pode e onde não pode tocar nela. Quem pode tocar. As partes que ela precisa conhecer, né, o seu corpo e a partir disso, entender que determinadas pessoas não podem tocar naquela parte do corpo dela, então isso daí deve começar desde a educação infantil, porque se não, se nós não temos a base da educação infantil, se acontecer de uma criança, não tem essa educação sexual e ela sofreu abuso, ela não vai saber que aquilo é um abuso, por que? por que ela não teve essa educação, pra ter essa compreensão de que determinadas ações são abusos, então por isso que é necessário a gente discutir sobre o tema.

Um dos pontos mais importantes para entendermos como é a educação sexual, ou pelo menos, como deveria ser, de acordo com Cássia, é compreender que não se trata de explicar como funciona o ato sexual, a criança não terá acesso a isso, mas sim, conhecer o seu próprio corpo e entender que nele existem as partes íntimas e que ela deve ter controle sobre essas. É trabalhar o autoconhecimento e conscientizar as crianças para os malefícios existentes em sociedade para os seus corpos e para o psicológico dessas.

Com o intuito de questionar o ensino da temática sexualidade e educação sexual, questionamos como de fato esse aconteceu durante o curso, de acordo com a perspectiva das entrevistadas. A fala da estudante Elis traduz a opinião das demais, quando diz:

O tema foi abordado em apenas uma disciplina e não de forma direta. A gente teve uma disciplina que foi Educação, Cultura e Diversidade, e diante, do tema diversidade, a gente tratava algumas coisas sobre gênero, sobre algo que envolvia, não diretamente, de certa forma, mas você via que era algo assim, muito superficial. Era diretamente, ao mesmo tempo, não era! Então eu acho que deveria haver algo mais, digamos que, trabalhado, ou até mesmo que a gente pudesse se expressar melhor com relação a isso e adquirir conhecimentos em torno da temática. Mas foi algo assim bem, bem rasteiro mesmo.

A fala da entrevistada Rita nos serve de complemento às afirmações de Elis, explicando que o estudo dessa temática não aconteceu da maneira desejada:

Para mim ainda foi superficial, porque depende muito também de alguns professores, né! Algumas vezes é estudado em algumas disciplinas, outras vezes não é, mas, em assuntos discutidos em sala de aula a gente vê a importância de trazer o assunto, de debater, desmistificar, a maneira como é abordado muitas vezes pela sociedade, mas eu acho que ainda precisava ter um enfoque maior, uma relevância maior, tanto em algumas disciplinas em si, como em outras discussões que são trazidas para a sala de aula.

Diante das afirmações das estudantes, é perceptível a falta de enfoque sobre essa temática, ela está presente durante o curso, porém, não da maneira necessária para preparar futuras (os) professoras (es).

Do mesmo modo, a educação sexual não está presente na educação infantil. Quando questionadas sobre suas experiências durante os estágios supervisionados, tanto na Educação infantil, quanto no Fundamental I, Rita e Elis afirmaram não ter tido contato nenhum com esse tema durante o acompanhamento das turmas. Algumas até tentaram introduzir, entretanto, foram desencorajadas pelos professores responsáveis. Segundo relata Elis:

Durante todo o estágio, eu vi uma atividade apenas [...] que justamente, falamos sobre quais partes do corpo as pessoas poderiam tocar nas crianças. Mas nenhuma atividade além dessa não. E a gente também não conseguia trazer isso para sala de aula, porque a gente tinha que corresponder os planos de aula que já estavam prontos, dos professores. Então, por mais que a gente quisesse discutir sobre a gente não podia, porque tinha essa permissão meio limitada de trabalhar.

Rita nos disse que em determinado momento viu a necessidade de tratar sobre esse tema: *“...eu vivenciei, no estágio no Ensino fundamental [...] uma situação de uma criança, já começava um preconceito ali pelas outras [...] talvez ela não tivesse conhecimento, nem noção [...] eu via a necessidade de o professor já conversar em relação ao respeito”*, entretanto, por não estar à frente da turma, fui impossibilitada de trazer esse tema para essas crianças e talvez evitar preconceitos em um futuro próximo contra essa criança em questão. Segundo Bussolotti (2016), essas atividades devem ser interativas com outras atividades de formação, tornando-se fundamentais para o desenvolvimento das competências profissionais necessárias à prática.

Tais situações relatadas pelas entrevistadas são comumente vivenciadas durante o curso e os estágios, porém não aprendemos como agir enquanto professoras(es) diante de situações como a retratada por Rita. O preconceito por parte

dos colegas, ou a indiferença, apenas por uma criança demonstrar algumas atitudes que são consideradas erradas, algo pejorativo diante da sociedade. O trabalho da educação como um todo é auxiliar na formação cidadã, entretanto com essas atitudes, torna-se impossível, independente do empenho de algum profissional da área. Isso está em linha com as descobertas de Suplicy (1995), que argumenta que temas relacionados à sexualidade raramente fazem parte da formação de professores. Além disso, Figueiró (2009) enfatiza a importância da formação do professor como educador sexual.

### **4.3 PERSPECTIVAS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE NO TRABALHO DOCENTE FUTURO**

Para finalizar a pesquisa trabalhamos sobre duas perspectivas, na primeira buscamos entender qual diferença faria para o desenvolvimento de uma criança o ensino da sexualidade e educação sexual, segundo a opinião das estudantes entrevistadas. E todas enfatizaram, à sua maneira, a fundamentalidade desse tema para o desenvolvimento infantil. Desse modo, Elis explica seus motivos para idealizar uma educação voltada para a sexualidade:

nas vivências do dia a dia, porque quando a criança, ela se apropria, desse assunto, da sistemática, ela consegue estar de fato mais ciente do que ela pode, de tanto o que pode acontecer com ela, quanto do conhecimento que ela precisa para que ela possa se defender e conseguir evitar abusos ou até mesmo se conhecer, conhecer o próprio corpo. Conhecer os próprios desejos, os próprios sentimentos. Tudo isso eu acredito que está envolvido na educação. E que é um conhecimento muito importante para que a criança venha a se desenvolver.

Na sequência, Rita e Elza fazem também alguns apontamentos sobre tal fundamentalidade. Rita reforça a questão do respeito: *“Sim, total diferença. Tanto para ela, como também é para quem conviver com ela. Para que ela, desde cedo, tenha conhecimento e saiba se posicionar, e o respeito, porque muitas vezes a criança aprende o respeito como uma questão de tolerância”*. Elza explica o seguinte: *“[...]as crianças são muito reprodutoras, elas tomam um educador como sua figura favorita [...]. Um professor [deve] se preparar da melhor forma possível para tratar da sexualidade e educação sexual. [...] é óbvio que contribuiria bastante”*. As entrevistadas apontam dois âmbitos diferentes, porém, que fazem muito sentido durante a troca de conhecimentos entre as crianças e adultos.

Para Elza as crianças em sua grande maioria se inspiram nos adultos e acabam reproduzindo suas atitudes, então consequentemente, demonstrar o respeito como uma ação verdadeira e não apenas como tolerância influencia na maneira como uma criança o compreende. Todos somos seres únicos, porém sociáveis e vivemos de acordo com os nossos próximos, e essa é uma situação inevitável. Assim, educar as crianças com mais carinho e respeito as fariam reproduzir esses objetivos.

A segunda perspectiva desse derradeiro trecho da entrevista se dirige à aprendizagem significativa dessa temática pelas estudantes. Assim, lhes perguntamos como durante todo o curso, como elas consideram as suas preparações para tratar desse assunto em sala de aula. Ao questionar se elas se consideram preparadas, as quatro responderam que: parcialmente. Elis diz: “[...] *eu me sinto, digamos, que despreparada [...]. A graduação foi algo muito básico, foi algo muito superficial, então que eu deveria buscar mais conhecimentos, mais preparação com relação a essa vertente*”. A educação voltada para a temática aqui esplanada, durante a graduação, para Elis, não seria suficiente para trabalhá-la em sala de aula.

Da mesma maneira, Elza afirma:

Ainda não me sinto preparada, mas é algo que a gente precisa ir atrás e trazer para a realidade, porque as coisas podem mudar, podem ser bem diferentes a partir da forma de tratar esses assuntos desde a educação a educação infantil porque é um ali, é onde começa tudo. A educação infantil é onde as crianças levam alguns aprendizados para a vida e a partir dali que começa tudo, ou você é um professor que está formando para a vida ou você é um professor que vai acabar deformando alguém.

Enquanto professor(a) não estar preparado para desempenhar o seu ofício pode acabar prejudicando diretamente diversas pessoas, e na educação infantil, assim como Elza explica, julgo ser muito mais nocivo, afinal são crianças iniciando o momento de socialização, estão começando suas vidas sociais e por se inspirarem nos adultos, principalmente, um mal professor(a) reflete diretamente em suas personalidades. Novamente afirmando a falta de prepara para tal situação, Cássia reforça:

Bom, eu vejo que é um tema muito necessário de ser trabalhado na educação infantil e nas demais etapas da educação básica e também, ao tempo, que é um que é um tema muito importante, também é um tema complicado de ser trabalhado porque existem muitos tabus na sociedade, mas só porque é complicado, não quer dizer que nós não devemos trabalhar. Então eu vejo que eu preciso trabalhar com esse tema. Não posso deixar de lado só porque é uma questão complicada, ou só porque algumas pessoas não entendem a sua importância. Eu acho que a função do educador é ir quebrando esses paradigmas, romper com esses [...] porque eles influenciam muito na formação dos sujeitos.

Sobre essa questão, Unbehaum (2010) destaca a importância da formação docente para tornar a educação em sexualidade uma realidade nas instituições de ensino superior. É crucial que os professores adquiram conhecimentos específicos e recebam uma formação adequada, a fim de abordar a sexualidade com crianças e jovens na escola, permitindo a construção de uma postura profissional e consciente ao tratar desse assunto.

Em resumo, a análise de dados sobre a educação sexual na formação dos estudantes do curso de Pedagogia do CFP/UFCG nos aponta a necessidade de haver uma revisão curricular e de que seja necessário desenvolver estratégias de capacitação, a fim de assegurar que os/as futuros(as) pedagogos/as estejam devidamente preparados/as para lidar com essa questão relevante em seu papel como educadores.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre a sexualidade é um tópico de grande relevância, particularmente no contexto educacional e na forma como é abordada em sala de aula. É crucial fornecer um conhecimento embasado cientificamente aos estudantes, capacitando-os para refletir sobre o assunto, principalmente em relação aos preconceitos associados a ele. Assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) destacam o papel central do professor na promoção do estudo da sexualidade como um tema transversal. No entanto, para efetuar essa abordagem, é essencial essa formação ser enfatizada nos cursos de graduação.

É importante notar que os documentos PCN e BNCC não aborda questões de gênero, empoderamento da mulher e a diversidade de estruturas familiares presentes na sociedade contemporânea. Na formação de professores, a sexualidade, como indicam na pesquisa, é um assunto raramente abordado, sendo introduzido de maneira limitada em algumas disciplinas, mas sem disciplinas dedicadas exclusivamente a ele.

Este estudo, realizado no curso de pedagogia do CFP/UFCG, revelou a ausência de enfoque na temática da sexualidade. De acordo com as respostas das participantes da pesquisa, o tema foi mencionado em pelo menos duas disciplinas, com poucos discentes envolvendo-se em atividades como seminários, artigos e produções de texto, sugerindo que a temática não foi satisfatoriamente explorada. Embora o curso tenha oferecido algumas atividades acadêmicas relacionados à sexualidade, não atendeu plenamente às expectativas dos participantes em termos de aprofundamento do conhecimento. Ou seja, as(os) alunas(os) desse curso não se sentem preparados para abordar a sexualidade nas salas de aula da educação infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Enfim, consideramos que os objetivos propostos para essa pesquisa foram alcançados, permitindo-nos entender a percepção das estudantes entrevistadas sobre sua preparação para abordar o tema educação sexual e sexualidade nesse contexto.

A metodologia utilizada, centrada em entrevista com perguntas claras, foi eficaz para que obtivéssemos respostas claras e objetivas. As fontes teóricas utilizadas na fundamentação do estudo foram pertinentes e corroboraram as respostas obtidas, destacando a falta de uma disciplina específica sobre sexualidade nos cursos de formação inicial e a conseqüente falta de preparação dos futuros professores.

É evidente a necessidade de incluir mais discussões dedicadas à sexualidade no currículo do Curso de Pedagogia do CFP/UFCG, com o intuito de preparar adequadamente os futuros professores para abordar o tema de forma segura em sala de aula. Promovendo reflexões sobre questões relacionadas à sexualidade, buscando capacitar os estudantes a desenvolver metodologias apropriadas e criar um ambiente favorável para discutir o assunto com seus alunos.

Abordar a sexualidade ainda é um desafio devido a diversas questões sociais, culturais e morais. No entanto, é urgente adquirir conhecimento e adotar uma atitude que permita que as pessoas considerem e vivam sua sexualidade de forma tranquila e prazerosa, em vez de tratá-la de maneira vulgar, preconceituosa ou negativa. A educação desempenha um papel fundamental nessa transformação, com os professores desempenhando um papel central, desde que estejam devidamente preparados.

É importante salientar que o CFP e o campus da UFCG de Cajazeiras-PB, é, praticamente um dos precursores no que diz respeito as discussões sobre diversidade. Pois, essas acontecem na maioria dos cursos, provocando a admiração daqueles que não fazem parte desse campus, por ter essa ação ativa em relação a uma temática relevante que na maioria das instituições tanto públicas quanto privadas, ainda não acontecem.

Embora estejamos vivendo em uma época marcada por grandes mudanças no que diz respeito ao papel das mulheres e às questões de identidade de gênero, é muito fácil perceber que esses tópicos não estão sendo discutidos pela maioria dos pais e dos professores.

Portanto, torna-se evidente que ainda há um longo caminho a percorrer para a efetiva inclusão da educação sexual nas escolas. Os educadores necessitam de uma formação específica nesta área, tanto no contexto de sua formação inicial quanto ao longo de sua carreira, a fim de se prepararem para abordar essas questões de maneira adequada.

Dado o caráter abrangente da temática, este estudo representa apenas uma parte do que pode ser explorado, e sugere a necessidade de futuras pesquisas sobre o assunto.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Violência nas escolas**. Brasília, Unesco, 2004.

AUGUSTINI, Érica Rodrigues do Nascimento. **Abordagem político-científica acerca da educação em sexualidade e a formação inicial**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara, 2020.

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Rev. Estud. Fem. Florianópolis, v. 9, n. 2, p 575-585, 2001.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: Orientação Sexual. Brasília: MECSEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas**. Brasília: MEC, 2007.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. reform. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2001.

BUSSOLOTTI, Juliana Marcondes et al. **A importância das atividades complementares no processo de aprendizado: percepção dos alunos de cursos de educação a distância da universidade de Taubaté**. Congresso Internacional ABED de Educação a Distância, 2016.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Lugar de sexo é na escola? Sexo, sexualidade e educação sexual. In: Sexualidade. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED, 2009. p. 49-58.

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. Educação Sexual e Formação do Professor - Necessidade e Viabilidade. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, Bahia, n. 2; v. 4, p. 153-163, 1993.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). **Educação Sexual: em busca de mudanças**. Londrina, UEL, 2009.

FIORI, Wagner da Rocha. Teorias do Desenvolvimento: Conceitos fundamentais: modelo psicanalítico. São Paulo. Cortez, 1981.

- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- GUIMARÃES, Isaura. Educação Sexual na Escola: mito e realidade. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.
- GAVIDIA, V. A construção do conceito de transversalidade. In: ÁLVAREZ, M. N. et al. Valores e temas transversais no currículo. Tradução por Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 15-30.
- GONSALVES, E. P. Iniciação à pesquisa científica. Campinas, SP> Alinea, 2001.
- JESUS, José Lauri Bueno de. **Polícia militar & direitos humanos**. Curitiba, Juruá, 2008.
- KURY, **Minidicionário da Língua Portuguesa Gama Kury**. FTD; 1ª edição, 2010.
- LEÃO, Andresa Marques de Castro; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal.; BEDIN, Regina Celia. SEXUALIDADE E ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA EM FOCO: algumas reflexões sobre a formação de professores. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 11, n. 01, p. 36 – 52, 2010.
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs). Raça, Ciência e Sociedade. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996.
- MATTOSO, Suelen et al. Roda de Conversa sobre sexualidade.2013.
- MANTOVANI, G. D. et al. Comparação de dúvidas sobre sexualidade entre crianças e adolescentes. **Contexto & Educação**, 2014.
- MIRANDA, V. K. G. **Formação colaborativa na perspectiva sócio-histórico cultural: a dialética da inclusão**. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Saúde sexual, direitos humanos e a lei**. Tradução realizada por projeto interinstitucional entre Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Paraná. Porto Alegre, 2020.

OLIVEIRA, Cristiane. Libertar o brasileiro de seu captivo moral: identidade nacional, educação sexual e família no Brasil da década de 1930. *Psicologia & Sociedade*, 24(3), p. 507-516, 2012.

Rangé, B. (org.). (2001). **Psicoterapias Cognitivo-comportamentais: Um diálogo com a psiquiatria**. Porto Alegre: Artmed.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. - 14. reimpr. - São Paulo: Atlas, 2012.

SAITO, Maria Ignez et al. **Educação sexual na escola**. Instituto da Criança do Hospital das Clínicas e Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), 2000.

SANTOS, Rosanalia Sthefanie Norberto dos. **Educação para a sexualidade: uma abordagem necessária**. João Pessoa: UFPB, 2016.

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Júlio G. (org.). *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997, p.107-117.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Espetáculo da miscigenação. *Estudos avançados*, v. 8, n.20, p. 137-152, 1994.

SILVA, Mozart Linhares. Miscigenação e Biopolítica no Brasil. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, v. 4, n. 8, p. 192-210, Dezembro de 2012.

SILVA, Rosenilda Moura da. **Educação para a sexualidade no ensino fundamental: discursos e práticas de pais e professores**. 2015. 277 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2015.

SILVA, Regina Célia P. da; NETO, Jorge M. Formação de professores e educadores para a abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. **Ciência e Educação**, São Paulo, v.12, n.2, p. 185-197, 2015.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. 17. ed. Petrópolis: Edição da Autora, 1991.

UNBEHAUM, Sandra et al. **GÊNERO E SEXUALIDADE NOS CURRÍCULOS DE PEDAGOGIA**. Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010.

UNESCO. International technical guidance on sexuality education. Na evidenceinformed approach. Revised edition. Paris: UNESCO, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE (Brasil). Centro de formação de professores. Unidade acadêmica de educação. Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia. Cajazeiras: UAE/CFP/UFCG, 2009.

VITIELLO, Nelson. *Sexualidade: quem educa o educador. Um manual para jovens, pais e educadores*. São Paulo: Iglu, 1997.

WEEKS, J. O Corpo e a Sexualidade in O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Autêntica Editora, 2010.

## APÊNDICES

## **APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

### **Roteiro de questões para a entrevista:**

1. Durante o seu curso de Pedagogia, você teve algum interesse em compreender a temática da Sexualidade e Educação Sexual?
2. Na sua percepção, como foi abordada a educação sexual na escola durante o seu período na educação básica?
3. Como você entende a importância da formação docente sobre sexualidade e educação sexual para o trabalho do professor da educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental?
4. Na sua formação no curso de Pedagogia, como foi abordado o tema sexualidade e educação sexual?
5. No seu estágio em educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, como você percebeu a abordagem sobre a Sexualidade e a Educação Sexual nas escolas/salas de aula em que você estagiou?
6. Você considera que tratar sobre o tema Sexualidade e Educação Sexual na escola faz diferença no desenvolvimento da criança?
7. Como você avalia a sua aprendizagem e a sua preparação para tratar sobre o tema Sexualidade e Educação Sexual no seu trabalho como docente?

## **APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado a participar como voluntário(a) no estudo “A Educação Sexual Na Formação Dos Estudantes Do Curso De Pedagogia Do CFP/UFCG”, coordenado pela graduanda Ana Karolainy Figueiredo Do Nascimento, orientado pelo professor (a) Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes e vinculado ao Centro de Formação de Professores (CFP), pela Unidade Acadêmica de Educação (UAE), através da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG – Campus Cajazeiras, Paraíba).

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo geral: analisar os modos de abordagem e os conteúdos referentes à Sexualidade e à Educação Sexual no curso de Pedagogia do CFP/UFCG. Objetivos específicos: 1) Descrever as percepções dos graduandos de pedagogia do CFP/UFCG sobre a sua formação em Educação Sexual; 2) Identificar as aprendizagens dos graduandos sobre a educação sexual no seu processo de formação no Curso de Pedagogia do CFP/UFCG; 3) Evidenciar os efeitos do processo de formação na concepção das/os pedagogas/os acerca da Educação Sexual na formação dos graduandos do curso de Pedagogia do CFP/UFCG. Esta pesquisa encontra sua relevância perante o mundo acadêmico, na problematização da precariedade do repasse da Educação Sexual, com o intuito de conscientização a respeito da necessidade do pleno desenvolvimento sexual de cada ser humano e da fundamentalidade dessa temática para a vida.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: responder a uma entrevista semiestruturada (liberdade de se expressar através das suas próprias palavras em cada resposta) relacionadas ao tema da pesquisa. A entrevista será realizada via online através da plataforma Google meet, com o intuito de facilitar a participação daqueles/as que se disponibilizarem a fazer parte do estudo. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e não receberá nenhuma remuneração. Mas, se aceitar participar, contribuirá com a reflexão sobre como a Sexualidade e a Educação Sexual são abordados no curso de pedagogia, além de poder desfrutar dos conhecimentos que este estudo pode ocasionar, levando também em consideração as possíveis contribuições que podem vir a somar ao cenário educacional através desta pesquisa.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Esta pesquisa atende às exigências das Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos. Atende também as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), órgão colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada ao Orientador, Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes (UAE/CFP/UFCG), Email: [dorgival.goncalves@professor.ufcg.edu.br](mailto:dorgival.goncalves@professor.ufcg.edu.br) ou com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa, cujos dados para contato estão especificados abaixo:

**Dados para contato com o responsável pela pesquisa**

**Nome:** Ana Karolainy Figueiredo do Nascimento

**Instituição:** Universidade Federal de Campina Grande (Campus Cajazeiras)

**Endereço Pessoal:** [anakarolayni0@gmail.com](mailto:anakarolayni0@gmail.com)

**Endereço Profissional:** [ana.karolainy@estudante.ufcg.edu.br](mailto:ana.karolainy@estudante.ufcg.edu.br)

**Horário disponível:** 13:00 às 16:00

**Telefone:** (83) 99808-8728

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

LOCAL E DATA,  _____	_____  _____
----------------------------	--------------------

Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário ou responsável legal	Nome e assinatura do responsável pelo estudo
--------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------